

Delírio, lógica e construção

Bernardo Costa Couto Maranhão

Resumo

Este artigo examina a analogia entre delírio e construção proposta por Freud e apresenta, ainda que sinteticamente, a lógica quadripartite de edificação do delírio na psicose, nos termos em que essa lógica é formulada por Jean-Claude Maleval em seu livro *Logique du délire*.

Palavras-chave

Psicose, Delírio, Estabilização, Freud, Lacan, Maleval.

Etimologicamente, delirar é sair dos trilhos. Esse processo é comparado por Paul-Laurent Assoun (2003) ao momento em que o arado, até então alinhado numa fileira que lhe permite avançar “bem plantado no húmus da realidade,” (ASSOUN, 2003, p. 11),¹ sai dos eixos. O autor sugere que, em vez de mera desorientação, o delírio é, mais propriamente,

[...] ex-centramento (*de*) do trilho (*lira*) que mantém o sujeito em seu prato de realidade – “des-trilhamento” que, no entanto, não conduz a alguma banal divagação: se o espírito, então, “bate pino”, ele nem por isso deixa de “trilhar”, segundo uma lógica inédita rigorosamente ordenada. Em suma, o delirante não pensa “a torto e a direito”: a prova disso é que ele constrói edificações, na medida da realidade alterada, com uma precisão de arquiteto (ASSOUN, 2003, p. 11).

A analogia entre delírio e construção acompanha diferentes momentos da produção de Freud relacionada à psicose.² A

passagem mais lembrada; a esse respeito, é uma de sua análise do livro de memórias do Presidente Schreber. Nessa passagem, após caracterizar a eclosão do sofrimento psicótico como uma desagregação do mundo, Freud afirma:

E o paranoico constrói de novo o mundo, não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele mais uma vez. Constrói-o com o trabalho de seu delírio. A formação delirante que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução (FREUD, [1911] 1976, p. 94-95).

Aqui, além de caracterizar o delírio como uma construção, Freud distingue entre essa construção e os processos patológicos, e reconhece nela uma tentativa de autocura do sujeito psicótico. Esse reconhecimento é, provavelmente, a maior contribuição de Freud à teoria e à clínica das psicoses.³ A respeito dessa operação freudiana, comenta Lacan que

1. As traduções do francês neste texto são de minha responsabilidade.

2. Cf. Assoun (2003).

3. Maleval (2011, p. 43) destaca quatro noções novas introduzidas por Freud no campo das psicoses: o delírio como tentativa de cura, a invasão das palavras por meio do processo primário, a dedução gramatical das diferentes formas de delírio paranoico a partir da hipótese de uma defesa contra a pulsão homossexual, o fato de que essa defesa utiliza o mecanismo da projeção.

[...] a liberdade que Freud se deu aí foi simplesmente aquela [...] de introduzir o sujeito como tal, o que significa não avaliar o louco em termos de déficit (LACAN, 2003, p. 220).

Trata-se, pois, de reconhecer o delírio como o trabalho de um sujeito que tenta se restabelecer, um trabalho cuja finalidade é reatar as relações com a realidade e atenuar a angústia (MALEVAL, 2011, p. 44). Trata-se, antes disso, de distinguir entre, de um lado, os fenômenos primários da doença e, de outro, as elaborações que lhe são acrescentadas pelo sujeito em seu esforço para fazer face a esses fenômenos que o afligem (SOLER, 2007, p. 185).

A psiquiatria clássica do século XIX já reconhece os fenômenos que acometem o sujeito em sofrimento psicótico e tenta, a seu modo, apreender-lhes a lógica subjacente. No que tange especificamente ao delírio crônico, alguns alienistas dessa época percebem a existência de uma sucessão de fases, ordenada, a seu ver, segundo uma dedução racional (MALEVAL, 2011, p. 43). Nenhum deles, contudo, concebe a existência de uma finalidade inerente ao delírio nos termos propostos por Freud, a saber, reconstruir o universo

não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de modo que o sujeito possa voltar a viver nele (FREUD, [1911] 1976, p. 94-95).

Na dinâmica evolutiva do delírio evidenciada por autores da psiquiatria clássica, distinguem-se, em regra, três períodos: perplexidade inicial, período intermediário de elaboração inquieta, sutura megalomaniaca (MALEVAL, 2011, p. 113). Nessa perspectiva, que é atrelada a uma psicologia da consciência, o que preside à passagem de uma fase a outra é uma dedução lógica levada a cabo pela razão. Freud, embora contemporâneo desses autores, não se interessa por tais análises. Ainda que se possa deduzir, em seu estudo do caso Schreber, um curso trifásico de evolução

do delírio, essa periodização não lhe parece relevante, ao que tudo indica, e não é expressamente mencionada no texto.

Lacan aprofunda a investigação psicanalítica da psicose e, embora tenha como mestre declarado Gaëtan de Clérambault, introduz uma ruptura entre as abordagens psiquiátricas e psicanalíticas, no que concerne ao estudo do delírio. É possível deduzir da obra de Lacan, ainda que apenas em esboço, uma lógica quaternária de evolução do delírio. Em seu livro *Lógica do delírio*, voltado ao estabelecimento dessa lógica quaternária, Jean-Claude Maleval indica que tal esboço é perceptível no estudo lacaniano do caso Schreber, nos seguintes termos:

Objeto de horror inicialmente para o sujeito, depois aceito como um compromisso razoável [...], desde então, tomada de partido irremissível [...], e motivo futuro de uma redenção interessando ao universo (LACAN, [1966] 1998 *apud* MALEVAL, 2011, p. 113).

Conforme destaca Maleval, o que está em jogo para o sujeito nessa sucessão de fases não é uma operação racional lógico-dedutiva, como queriam os clássicos, e sim a evolução da relação desse sujeito com o gozo (MALEVAL, 2011, p. 113). Na periodização quaternária proposta pelo autor, cada período recebe um nome, a saber: deslocalização do gozo e perplexidade angustiada; tentativa de significantização do gozo do Outro; identificação do gozo do Outro; consentimento ao gozo do Outro.

Tais denominações, diz Maleval, são ainda muito limitadoras e, por isso, ele prefere designar as fases como P0, P1, P2 e P3, destacando que P0 coincide com a notação que Lacan, em seu esquema I, faz da forclusão do Nome-do-Pai.⁴ Aliás, segundo o autor, se P0 conota a carência paterna, P1 não deixa de evocar paranoide, P2 paranoico e P3 parafrênico. Disso

4. Cf. LACAN, (1957-1958) 1998.

não se deve deduzir, contudo, que entre esses quadros psiquiátricos e as fases do delírio haja uma correspondência exata (MALEVAL, 2011, p. 117). Tampouco se deve pensar que cada período seja estanque, ou que a passagem de um a outro seja nítida ou irreversível.

Maleval (2011, p. 221) nota que

[...] a imbricação dos períodos que são contíguos chega a ser a regra, ao passo que a coexistência de elementos pertencentes a diversos deles se observa algumas vezes.

Segundo ele, as etapas descritas de P0 a P3 constituem organizações instáveis.

Não apenas o desenvolvimento do delírio até P3 se efetua só muito raramente, mas além disso, produzem-se passagens retrógradas de P2 a P1, de P1 a P0, mesmo de P3 a P0 etc. (MALEVAL, 2011, p. 117).

Feitas essas observações, pode-se passar a uma apreciação sucinta de cada uma das fases, tais como descritas por Maleval.

Em P0, o psicotizado constata uma perturbação na ordem do mundo. É comum, nesse período, a presença de inquietações hipocondríacas. É um período de extrema angústia e de perplexidade, correspondente à abertura de uma falha no campo do simbólico. Como efeito da carência do significante paterno então revelada, o que se verifica é o desencadeamento do significante e a deslocalização do gozo (MALEVAL, 2011, p. 117).

Já em P1, um enorme aparato significativo é mobilizado pelo paranoide, a fim de remediar a falha simbólica inicial. Trata-se de um processo em que, no dizer de Freud,

[...] a loucura é empregada como uma peça que se cola ali onde inicialmente se produzira uma falha na relação do eu com o mundo exterior (FREUD, 1976b [1924], p. 191).

Lacan propõe, a esse respeito, a noção de metáfora delirante, para indicar um processo de substituição que se opera no campo da linguagem: onde, em P0, havia um furo no simbólico, cujas repercussões no imaginário assumiam formas diversas, os significantes do delírio vêm se alojar.

É bastante regular em P1, diz Maleval, o apelo a um princípio paterno, que se encarna de maneiras bem variáveis, mas que frequentemente assume as figuras do poder, da Lei e do divino. Trata-se, para o sujeito, da busca de um fundamento que ele suponha apto a fazer advir a completude do Outro. Não necessariamente, diz Maleval, esse fundamento coincide com as palavras de um personagem infalível. O sujeito, por vezes, encontra-o em uma invenção revolucionária, em uma nova fórmula matemática, em algum achado intuitivo (MALEVAL, 2011, p. 117-118).

Não são tantos os psicóticos que chegam a P2, período assimilável ao quadro paranoico, no qual o delírio se sutura e se organiza em uma montagem rígida e bem armada, que dota o sujeito de certezas inquebrantáveis. O gozo outrora irrefreado e perturbador da ordem do mundo é agora identificado no campo do Outro (o judeu, para Hitler; o cônjuge, para o sujeito em delírio de ciúme, etc.). Em nome de suas certezas, o sujeito se engaja ruidosamente na denúncia dos falsos princípios e, para afirmar os seus próprios, pode chegar a extremos (MALEVAL, 2011, p. 118).

Nos raros casos em que a elaboração da metáfora delirante é levada ao estágio de P3, esse enfrentamento cessa. Aqui, a megalomania atinge seus pontos mais elevados, e um sentimento de comunhão com o Pai se impõe. O sujeito se torna Deus, ou se equipara ao Criador ao resolver um problema fundamental, ou se torna o eleito de Deus, encarregado de lhe transmitir a mensagem.

O que o parafrênico ganha em apaziguamento, ele perde em credibilidade

perante seus interlocutores (MALEVAL, 2011, p. 118).

Não obstante, há alguns que chegam a convencer seus próximos, como nos casos de “loucura a dois”, e há os que formam discípulos e criam seitas.

Maleval nota que a maioria dos psicóticos que não estão hospitalizados ou encarcerados são geralmente os que alcançaram as fases P2 ou P3 do delírio. Não raro, tais sujeitos ocupam postos importantes na vida social (MALEVAL, 2011, p. 119). E, embora possa parecer que o mais desejável para o sujeito seja estabilizar-se em P3, Maleval faz uma ressalva a esse respeito. A seu ver, o modo paraferênico de apaziguamento da psicose, por mais que seja pacificador da angústia do sujeito, comporta uma pesada renúncia. O paraferênico cede quanto às exigências do desejo e, frequentemente, resulta dessa renúncia “uma existência amputada, voluntariamente centrada em uma fruição solitária do delírio” (MALEVAL, 2011, p. 230). O autor observa ainda que nenhum dos demais modos possíveis de estabilização do sujeito psicótico exige uma renúncia tão exorbitante. No entanto, pergunta ele, “está no poder do clínico incitar o sujeito a uma escolha que seja compatível com a ética da psicanálise?” (MALEVAL, 2011, p. 230).

A propósito, no que diz respeito ao papel do clínico e às suas possíveis formas de atuação, convém mencionar aqui uma ponderação de Maleval quanto ao uso de medicação antipsicótica. Na psiquiatria contemporânea, é largamente dominante a opinião de que é preciso apressar-se em erradicar o delírio, por meio de tratamento químico, ao primeiro sinal de atividade delirante. Inversamente, há certos clínicos empenhados em banir por completo os neuróticos, sob o argumento de que o delírio é um esforço de cura. Tudo indica, diz Maleval (2011, p. 231), que é preciso se precaver contra essas duas atitudes extremas.

O autor destaca que, ao cabo de seu estudo da lógica do delírio, uma consequência principal se impõe, e ele a resume nos seguintes termos:

Não se precipitar em querer reconduzir o sujeito à realidade (qual?), mas consentir com uma escuta benevolente do delírio, sem procurar confrontá-lo [...] (MALEVAL, 2011, p. 237).

O proveito que um sujeito psicótico pode retirar dessa escuta é atestado pelo efeito estabilizador obtido mediante os tratamentos analíticos que, em vez de buscar reforçar o eu, orientam-se para uma regulação do gozo do Outro. Nessa perspectiva, é preciso deixar aberta para o sujeito a possibilidade de uma elaboração original de suas dificuldades. Tal elaboração pode passar pela atividade delirante (MALEVAL, 2011, p. 237), e o sujeito pode, por meio do delírio, refazer um mundo que, mesmo não sendo o mais esplêndido, seja para ele habitável. φ

Abstract

*This article examines the analogy between delusion and construction proposed by Freud and presents, although briefly, the fourfold logic of the construction of delusion in psychosis, in the terms under which such logic is formulated by Jean-Claude Maleval in his book *Logique du délire*.*

Keywords

Psychosis, Delusion, Stabilization, Freud, Lacan, Maleval.

Referências

ASSOUN, P.-L. Le délire architecte: Figures freudiennes de la construction. In: CHAUMON, F. (Org.). *Délire et construction*. Paris: Érès, 2003. p. 11-22.

FREUD, S. Neurose e psicose (1924 [1923]). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 187-196. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911). III. Sobre o mecanismo da paranoia. In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 81-104. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LACAN, J. Apresentação das “Memórias de um doente dos nervos” (1966). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 219-223. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-1958). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590. (Campo Freudiano no Brasil).

MALEVAL, J.-C. *Logique du délire*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011.

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Recebido em: 16/12/2015

Aprovado em: 11/03/2016

Endereço para correspondência

E-mail: <maranhao.bernardo@gmail.com>

Sobre o autor

Bernardo Costa Couto Maranhão

Psicólogo. Advogado.

Mestre em Teoria do Direito pela PUC Minas.

Candidato em formação no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

